

Deponente: José Ferreira. Maxacali.

Entrevistadores: Marco Túlio Antunes Gomes.

Data: 8 de junho de 2017.

MARCO TÚLIO: Como é que é o nome do senhor?

JOSE FERREIRA: José Ferreira Maxakali.

MARCO TÚLIO: O senhor lembra da época do Capitão Pinheiro aqui? Pode falar um pouco dessa época?

JOSÉ FERREIRA: Lembro que quando eles vieram pra cá, eu tava com nove anos de idade, completando os 10. Ai, antes era SPI, né, Serviço de Proteção ao Índio, ai quando ele veio pra cá, ai mudou pra Funai, Fundação Nacional do Índio. Ai ele era capitão, ele era o chefe, né, que era ajudante, não era administração igual hoje é, era ajudante Minas-Bahia, tinha em Belo Horizonte. Tinha pra cá, Belo Horizonte, ai quando ela vem pra Valadares, ai mudou pra delegacia regional, da Funai. Ai hoje ele é administração regional da Funai. Ai na época, em 68, eles vieram pra cá, Capitão Pinheiro e os policiais deles, os policiais era da Florestal. Naquela época polícia rural, né, pelo tempo e hoje a gente fala polícia florestal. Mas veio da Polícia Militar primeiro quando era SPI, mas só que eles chegaram muito forçando a comunidade. Ai o meu pai era cacique, ai o meu pai não aceitou. Ai falou pro Leão, que inspetor da SPI, ai falou pra ele, que não queria os policiais aqui não, que estava forçando muito os índios a fazer as coisas. Forçando, né. Ai o inspetor Leão falou assim: “não, eu vou mandar embora”, ai eles foram, ai veio polícia florestal. Mas só que vieram com outro jeito, né, ai veio tudo policial, professor, pintor, professor pedreiro, professor tratorista, inclusive tem um trator parado ali que era um, eu aprendi naquele e no pequeno que tem lá. E nessa época eu já, em 68, eu estava completando 10 anos, ai eles viram que eu tinha, assim, uma boa vontade, uma ideia, assim, mais... Ai me deixaram ai, ai fiz curso pra tratorista com eles, aprendi a dirigir, trabalhar com trator. Mas os índios era preso, mas só quem fazia coisa errada, né. Ai pegava eles, levava, quando era... Fazia coisa errada em Minas, ai ficava detido aqui.

MARCO TÚLIO: Aonde que ficava aqui?

JOSE FERREIRA: Ficava ali, tinha uma... Era um posto, sabe, mas tinha cama, enfermaria.

MARCO TÚLIO: Sei.

JOSE FERREIRA: Então chamava enfermaria, ai tinha cama pra pessoa doente, mas mesma hora servia pra deixar pessoa detida ali, e o que era preso mesmo eles levava pro Krenak.

MARCO TÚLIO: Ficava preso quantos dias aqui mais ou menos, o senhor sabe?

JOSE FERREIRA: Ficava mais ou menos uma semana.

MARCO TÚLIO: Uma semana.

JOSE FERREIRA: É, depois mandava embora. Ai o que fazia coisa mais errada, ai era levado pro Krenak. Lá ele ia trabalhar junto com outros índios que vinha de fora preso também. Ai tinha muito índio lá, daqui já foi, até o meu irmão também já foi. Ai tinha muito índio lá, daqui já foi, até o meu irmão também já foi.

MARCO TÚLIO: Irmão do senhor, como que ele chama?

JOSE FERREIRA: Valdir.

MARCO TÚLIO: Valdir.

JOSE FERREIRA: É. Assaltaram a farmácia ai, ai culparam ele, levaram ele, mas não foi ele, não. Descobriu, era outro. E morreu o índio, ele é até primo da gente. Ele era muito violento. Ai acho que espancaram ele lá no Krenak, e ficou com rins machucado, ai quando eles viu, levaram ele pro, mexeram com tudo medico lá, mas como viu que não tinha cura, trouxe ele pra cá e morreu aqui na aldeia.

MARCO TÚLIO: Como que era nome dele?

JOSE FERREIRA: Gério. Ai, o que morreu na época da polícia ai só foi esse. E que os primeiros que teve, o tio da minha mulher tomou o revolver do Cabo.

MARCO TÚLIO: Isso antes do Pinheiro?

JOSE FERREIRA: Antes do Pinheiro, esse que era violento de mais, esse que o meu pai não aceitou foi embora. Ai Cabo falou pra ele assim: “Vai embora! Vai embora! O que você veio fazer aqui, vai trabalhar”, ai começou a discutir. Ai o tio da minha mulher veio caminhando devagarzinho e discutindo com ele, ai o Cabo acho que se ofendeu, e veio atrás dele, quando foi bem ali nesse rumo aqui assim, ai ele parou. Ele parou e esperou o Cabo chegar, ai ele não fez gesto de avançar no Cabo, né. Ai o Cabo chegou pra pegar ele, pra algemar pra levar preso, ai quando cabo pegou ele, ai ele, na luta, né, que índio sabe pegar a pessoa, né, pegou ele no meio, levantou e derrubou ele no chão, tirou o revolver dele, e foi embora, morava lá no brejão, era a aldeia lá, ai foi embora, o cabo voltou pra trás. Ai tinha os funcionários do SPI ai, sabia falar a língua, ai chamou ele, ai foi tudo policial lá no brejão pra pegar o revolver. Ai eles ficaram lá parado lá, e mandou Lourenço entrar, o

Lourenço foi e falou assim: “Entrega o revólver, senão vai ficar mais pior”. Ai ele concordou, entregou o revólver, eles vieram embora. Ai esses daí foi embora, ai veio à floresta e só fazia assim, do que morreu foi esse dessa época.

MARCO TÚLIO: Só o Gério?

JOSE FERREIRA: Só o Gério.

MARCO TÚLIO: Com que era o nome do pai do senhor, que era cacique?

JOSE FERREIRA: Adolfo.

MARCO TÚLIO: Adolfo. E como que foi, enquanto Pinheiro estava aqui, essa história de índio virar polícia, como que foi isso?

JOSE FERREIRA: Isso foi assim, porque eu acho, no pensamento, né, eu acho que o índio, mesmo da aldeia, sendo polícia, ele ia entender mais como é que é, né, então fizeram, lá em Belo Horizonte, né, na polícia de lá, ai todo os índio do Brasil passou por essa. Uns veio da aldeia e uns que já estava no Krenak participou. Inclusive daqui, o Carmino, Cármino lá de Valdemar, já tá velhinho já. Ele foi preso, lá pro Krenak, ele foi polícia, Dival, meu cunhado, foi pro Krenak, foi pra polícia. Doutor, que é de Pradim, foi pro Krenak, foi pro polícia. E daqui da aldeia mesmo, foi o Quelé, Totó, que tá lá no Ladainha. Totó, Quelé, Tintin, foi daqui da aldeia. Mas nessa época, não judiava, não.

MARCO TÚLIO: Não?

JOSE FERREIRA: Não. Era mais pra incentivar, sabe, pra fazer as coisas, aprender, e quando precisava mesmo de ser punido, era punido. Mas só que esse que morreu, Gério, foi pra lá, espancaram ele pra lá, foi aqui na aldeia, não. Acho que agora com ele pra lá, viram que ele não ia sarar, trouxe, ele morreu aqui. Agora, fazendeiro... Matou foi um bocado.

MARCO TÚLIO: O senhor sabe de alguns casos que pode comentar?

JOSE FERREIRA: Sei. Ali mesmo nessa terra que saiu, que ai agora tá ligado lá, no meio era só fazendeiro, e aonde que morreu meu primo, o Alcides era de Laurino, filho de Severiano. Eles tão vindo da cidade, ficava perto da aldeia, mas não acabaram de chegar. Eles acamparam ali, ai es estava tomando um gole lá e cantando música da religião, né. Não foi o fazendeiro, foi o agregado dele, né, que mora na fazenda, chamada até Zé Rolinha o cara, morreu também, a polícia matou ele. Ai eles estavam lá debaixo árvore lá, cantando, fez fogueira, todo mundo ali sentado, uns deitado já, cantando. Ai o agregado dele viu eles cantando, ai pegou o facão, chamou o outro agregado, ai foram lá, os outros correu, e meu primo estava mais tomado, não conseguiu, ai começaram a cortar ele, espancar ele, e a mulher dele tava assim, olhando, olhando ai ela não agradou daquilo, não. Ai estava com vidro de cachaça, desses litro de vidro, enquanto ele estava lá, insistiro no marido dela, já

chegou com índio, bateu na cabeça dele, ele caiu. Ai ela correu, mas o marido já tava morto. Estava morto. Aqui mesmo, o Thiago morreu aqui, na fazenda, foi polícia que matou, mas não foi do Pinheiro, não, foi da cidade.

MARCO TÚLIO: O senhor não sabe quem foi o policial, não?

JOSE FERREIRA: Sei, conheço ele muito, já vi ele em Valadares várias vezes.

MARCO TÚLIO: Quem que é?

JOSE FERREIRA: Eu só sei o nome dele, o sobrenome dele eu não sei, o nome dele é Tião, né.

MARCO TÚLIO: Tião.

JOSE FERREIRA: Tião, ele até... O olho dele é até virado, assim, zarolho ele. Ele era boa pessoa, agora não sei... E nessa época que mataram Thiago, o meu pai já era falecido, e eu tava no lugar dele como cacique, ai ele foi no domingo, tinha ido pra cidade, hoje tem carro, tem ônibus, mas antes a gente ia de pé, a cavalo, eu mesmo fui a cavalo e minha mulher de pé, estava levando até o meu menino desse tamanho, o mais velho, o Maurozinho. Ai quando nós viemos, era, assim, umas 15h00min, nós veio ali no caminho, de lá dava pra ver tudo lá, ai quando eu vinha mais embaixo, porque é lerdo, gritou: “Zezinho, vem aqui que polícia tá batendo em nós”, ai eu olhei assim, pensei... Ai eu falei pra mulher: “eu não vou lá, não, não vô voltar lá, não”, porque ai está no meio do caminho, e vou voltar lá, eu não vou ter, como diz ele, não vou ter apoio, não. No que eu for falar, não vão aceitar, não. Agora se for aqui, né, se for aqui dentro, ai posso ir agorinha mesmo, e vou e... Ai polícia bateu, Gustavo tá até vivo ainda, tá lá em Ladainha. Mas quebrou a boca ele assim de revolver, coronha de revolver, machucou bastante ele. Ai nós viemos. Ai quando nós tinha uma venda, ele mudou pra cidade, desmanchou, ficou só as parede. Ai com um pouco que ele vem, não foi no carro da polícia, não, foi um carro, assim, particular. Vem voando, eu falei pra mulher: “Aquele é ele, porque pela velocidade que eles tá vindo lá, vem atrás de mim.” Ai nos virou, entrou dentro da casa, estava só os parentes, eu entrei dentro assim, nós escondeu lá, desamotei, aí escondi, fiquei olhando assim. Ai subiu o morro, passou, passou distante dessa casa do meu filho ai. Ai passou eu vi, três policial lá dentro do carro lá, e tinha ido atrás de mim, eu achei es que tinha ido pra cá, ai nós chegou, nós pegou estrada de novo e lá vem. Quando nós desce, pegou a baixada, tava eles voltando, ai chegou: “oh, Zé”, o cabo, era comandante, (trecho em língua indígena), ai eles voltou, ai parou o carro. “Oh, Zé, é pra você voltar com nós lá, pra você resolver problema lá. Passaram lá na casa lá”, tinha uma casa na beirinha da estrada, “passou lá na casa lá, e Gustavo pegou o toca-discos do homem lá e nós viemos atrás pra ele entregar, ele começou agredir nós, ai por

isso nós... Bater nele, nós bateu nele.” E eu falei assim: “E ai, seu Cabo, como é que vai ficar isso ai?”, “Não, volta lá eu não volto, não. Então faz o seguinte, o senhor é autoridade, o senhor resolve lá.” Ai deixa lá na aldeia lá, na aldeia nós resolve lá, agora ai o senhor resolve, o senhor é polícia, resolve, lá e resolve”, ele já tinha batido. Não tinha mais jeito não, se ele não tivesse batido, espaçando ainda bem, dava pra gente, eu voltar lá e falar assim: “olha, tá acontecendo isso e isso, entrega o que você pegou, entrega pra ele”. Ai entregava, pronto, vinha embora, agora bateu, ai nada a ver. Ai polícia espancou, pegou, tomou, levou de volta e vieram embora. Ai eu falei com eles e vim embora, nós morava mais embaixo daqui um pouco. Ai, quando foi à tardezinha escurecendo, a noitizinha, a lua estava clara, igual tá hoje, nós tá sentado fora, eu, minha mãe, ai, Diva, minha irmã, nós sentado fora, meu cunhado, Zélino, nós sentado lá fora. Todo mundo sentado lá fora, nós conversando, ai o sogro de Gustavo veio e falou pra mim assim: “oh, cumpade, amanhã eu vou lá no Onofrinho pra eles me matar”, falou assim. Ai ele: “amanhã eu vou lá pra eles me matar, porque Gustavo ta todo machucado, eu já dei conselho pra ele, não faz essas coisas, não, não faz essas coisas, não, mas não me ouviu. Agora tá todo machucado. Amanhã eu vou lá.” Eu falei assim: “não, você não vai não! Você não vai, não, não vai ninguém, nem você e nem ninguém... Nem você e nem ninguém. Porque amanhã, se você for, vai estar cheio de polícia lá”. Ai ele pensou e falou assim: “Não, eu não vou, não, mas Gustavo que trazer bebida”. Ai daqui a gente estava escutando, todo mundo bêbado, conversando, cantando e outros gritando, até o dia amanhecer. Quando o dia amanheceu, ai eu ouvi sobiando, que quando Maxakali vai para um lugar, lá tem bastante coisa nós vamos pra lá caçar, ai assobia, né, ou tá dando uma festa, ou quer ir embora mais perto, “oh, es tão indo pra onde?”, e ai vai. E tá subiando, assobiou pra cá, assobiou pra lá. O meu cunhado morava aqui, bem aqui onde eu fiz essa casa, e eu morava mais embaixo. Ai o dia tá clareando, ai ele passou lá: “Zé, borá lá, tá indo todo mundo, es vão correr com Onofrinho, ai vai pegar os coisa dele tudo lá”, e eu deitado, falei assim: “rapaz, não vai lá, não! Não vai lá, não, que cês vão lá, cês vai encontrar coisa feia pra lá.” Foi, tinha a aldeia lá, aldeia de Michael, que é o pai do Kelé, do Totó, a aldeia deles lá, né, desceu todo mundo e minha sogra passou aqui, minha sogra morava lá, na aldeia, a minha sogra passou aqui. E eu estava deitado ai, minha muié tinha levantado, ai a mãe dela perguntou: “Cadê? Não foi, não? Mais pessoal lá?”, ai a muié falou: “não, ele não foi, não”. Ai eu levantei e falei pra ela assim: “o meu, sogro cadê ele?”, “Está esperando eu lá naquela encruzilhada lá, naquele morrinho lá. Você vai lá, fala com ele e ocês volta pra trás. Não vai, não. Não vai, não.” Ai eu

levantei, falei com a muié: “Vou lá no (trecho incompreensível) pegar um leite.” Eu desci, quando eu chego ali na placa, você viu a placa ali, não viu?

MARCO TÚLIO: Aham.

JOSE FERREIRA: Pois é, quando eu vou bem ali, eu ouvi os tiro. “Vishi, Maria! Morreu gente adoidado agora.” Ai fui rapidinho lá, já voltei, peguei o leite... “O quê que tá acontecendo? Desceu um monte de gente...” Eu contei a história, falei: “Ouvi um bocado de tiro, você ouviu?”, “Eu ouvi”, “É isso.” Ai eu voltei rapidinho. A sede do chefe era ali, e tinha um rádio de comunicação, ai o pessoal tá tudo de férias, só ficou eu, Teco e Nagrí, ai nós sentado lá, ai Carmino veio montado no cavalo... Estava eu, Teco, o Osmar, nós sentado, ele chegou, falou assim: “Oh, Osmar, polícia matou Thiago”, e Osmar falou assim: “É mesmo, Carmino?”, “Matou”, “Ah! Então me desce ali”. Ai ele montou no cavalo em pelo mesmo, desceu, “Zé, você fica aqui, ai você atende o rádio 9h00min,você explica para o delegado da FUNAI o que tá acontecendo”. Ai ele desceu. Quando ele desceu, as polícia já estava tudo ali, tudo... Mas já tinha matado o Thiago, foi assim, ai eles foram, foram, foram e cá na frente tinha uma porteira, agora que tiraram tudo, ficou a estrada limpa, tinha uma porteira, os policial tava tudo ali nesse dia. Ai o pessoal foi e o Thiago foi na frente, com arma de pesca na mão, aí os polícia falou assim: “volta pa trás, volta pa trás, volta pa trás!” E eles vinha apertando, foi apertando, foi apertando, e eles afastando, só afastando no rumo da casa, e gente foi apertando, apertando, eles entraram dentro da casa. Ai na hora que tava entrando dentro da casa que Thiago pegou a flecha, eles falaram que jogaram a flecha nele, mas o pessoal que tava mais ele falou que não jogou, não, ele só fez o que ia jogar, mas não jogou, não. Ai foi na hora que o cabo atirou na perna dele, com a carabina, atirou, ai a bala entrou na perna nele assim, e entrou assim, entrou assim e foi assim. Ai entrou assim, ai cortou a veia, ai que o cabo falou assim: “Oh, afasta pra nos levar ele no hospital!” Mas eles não atendeu, uns tava com raiva, levou tiro, minha tia mora ali, oh, atiram nela aqui, a bala cortou o cabelo dela assim, oh, por nada tinha entrado na nuca.

MARCO TÚLIO: Qual que é o nome dela?

JOSE FERREIRA: Iraci.

MARCO TÚLIO: Nesse mesmo episódio?

JOSE FERREIRA: Nesse mesmo.

MARCO TÚLIO: Uhum.

JOSE FERREIRA: Quando eles viu o Thiago caiu, ai eles correu, e eles atirando nos que tava correndo, e meu cunhado o Doutor, eles estavam no curral, escondido atrás do murão

do curral, quando eles (trecho incompreensível) pah! Escondia. E a minha tia, ela desceu correndo assim, ai atiraram nela, a bala pegou assim, cortou o cabelo dela, ela escapou. Ai foi onde que morreu o finado Thiago, ai falei no rádio, ai o Coronel Munhoz, que era delegado da FUNAI, veio, veio, tava cheio de polícia, e o Thiago deitado, cercado de corda. Ai ele vem empurrando, Kaká que era o motorista. Kaká e a polícia pedindo lá: “Passa por cima!” Ele era coronel da polícia, um baita de uma pistola. “Passa por cima, Kaká”, e os polícia afasta assim, veio até, chego na casa, desceu, falou: “Foi quem que matou o meu índio?” Foi que o cabo falou assim: “foi eu”. “Mas por que que você matou ele?” Falou: “Não, porque ele jogou a flecha em mim” e mentira, que o arco dele jogou, a flecha pegou na janela, ficou lá. “Ai, olha a flecha que ele jogou em mim”, mas mentira dele, jogou não. Ai falou pra ele assim: “Como é o seu nome?”, ele pegou o nome dele e tal, falou assim: “Dessa vez você não é mais policial mais não”, inclusive ele não é mais, (trecho incompreensível). Ai trouxe ele, tinha uma escola ali embaixo da jaqueira, deixou ele lá, ai amanheceu o dia lá e levou lá pro cemitério, enterrou lá. Foi isso daí que polícia matou, mas foi polícia da cidade.

MARCO TÚLIO: Depois do Pinheiro?

JOSE FERREIRA: Depois do Pinheiro, é.

MARCO TÚLIO: Deixa eu perguntar uma coisa para o senhor. Como que o Pinheiro escolhia quem ia ser da \$guarda, qual índio ia ser da Guarda Rural?

JOSE FERREIRA: Como ele escolhia?

MARCO TÚLIO: É.

JOSE FERREIRA: Porque ele escolhia, assim, que, esses mesmo que foi policial, era mais, assim, entendido, né. Ai eu acho que ele achou assim, que esse servia pra ser, porque muitos treinou aqui, pra ir pra lá, os daqui, que os que está no Krenak já foi do Krenak pra lá, e os daqui treinou aqui, com os policial daqui, pra depois ir.

MARCO TÚLIO: Então antes de ter treinamento deles em Belo Horizonte, eles foram treinados aqui também?

JOSE FERREIRA: Treinar aqui, lá no campo. Eu até participava, de olhar. E tinha muitos que não conseguia, disse que os que conseguia foi.

MARCO TÚLIO: O senhor sabe de mais algum caso, igual esse do Thiago?

JOSE FERREIRA: Morreu um primo meu também, na fazenda ali, mas não foi o fazendeiro, foi outro. Que falaram que é Val Miranda, inclusive não sei para onde esse cara foi, não, que a fazenda dele é lá... no dia (trecho incompreensível) eu fui ver se eu conseguia alguma coisa com o fazendeiro, eu passei perto da fazenda dele, já era de outro, esse Val Miranda.

Ai morreu o meu primo, foi sepultado lá mesmo, nessa época eu era cacique ainda. Foi até no mês de janeiro, ai, assim, umas 21h00min da noite, o meu primo veio, o Miguelzinho, me chamou, já estava deitado, ele me chamou, falei: “Quê que foi?”, ai sai, não sai pra fora, não, abri a janela, “o que foi?”, ele falou: “Vim falar pra você que mataram o Osmir”, falei: “O quê?”, “Mataram o Osmir”, falei: “Aonde?” Falou: “Lá em Valdir de Lucia”, era de Valdir de Lucia, ele vendeu para Pelé agora, depois que enterrou ele lá. Lá no Valdir de Lucia, falei: “E... Espera aí”, vesti a roupa, amarrei o facão na cintura, ai chamei o meu cunhado, ai chegou lá, já tava com muito dia, o pai dele, a mãe dele procurou, procurou, procurou e não achou e ele apareceu lá. Apareceu lá no lugar que eles procuraram tudo, tudo e não achou e ele apareceu lá. Mas já estava desmanchando. Ai quando nós chegou, chegou um carro da polícia. Dois policial e o delegado de polícia, e um caminhão pra trazer ele. Ai o delegado falou assim: “E ai, Zé, como que vai fazer, vai levar o corpo?” E eu assim: “Senhor delegado, não vai dar pra levar, não. Tá muito ruim, enterrar aqui mesmo.”, “ah, você que sabe”, falei: “vai enterra aqui mesmo, mas nós tá sem ferramenta. Será que dá para o senhor levar dois índios lá na aldeia, pega pá, enxada e enxadão?”, “Dá.” Ai mandou policial vim com dois, Marcelo e Mario, vim aqui no posto pegar ferramenta. Marcelo pegou ferramenta, voltou, cavou. Quando nós acabou de enterrar ele, o dia estava amanhecendo já, mas enterrou. Ai quando foi no domingo, eu fui pra feira, eu, a muié, minha tia, nesse mesmo lugar que matou o...

MARCO TÚLIO: Osmir?

JOSE FERREIRA: Thiago, no mesmo lugar, o mesmo fazendeiro que estava morando lá, ai veio uma chuva forte, eu falei assim: “Vai passar aqui em Valdir de Lucia, passar a chuva, nós continua”, ai nós passamos, e a chuva... E o filho dele sentado na janela, e tinha, assim, um bocado de foice encostado no canto da parede, e eu sentado no banco, no banco assim, Valdir de Luci, e eu assim perto dele, a muié assim e minha tia assim, e eu conversando com ele, com Valdir de Luci, e o filho dele sentado na janela, virou e falou pra mim assim: “Oh, Zé, quem mandou pra vocês enterra o Osmir ali?”, falei: “Quem mandou? Ninguém mandou, não. Nós enterramos ele ali, porque não dava pra levar pra aldeia, não, já estava podre, desmanchando, como que a gente ia levar? Pegar, assim, com os bolo e colocar, ai nós enterrou lá.”, “Ah, tá bom cê mandar tirar ele e levar e colocar lá na aldeia.” Rapaz, a minha raiva veio assim de uma vez, falei: “É, você quer que a nós tire pra levar, se você tirar e levar, nós enterra. Você quer saber de uma coisa? Vamos fazer de cimento lá, a sepultura dele ai difícil”. Disse: “É? Pode vir fazer, e ocê vem na frente que o primeiro que vai morrer é ocê!” Ai eu falei pra ele assim: “Ah, tá. Você vai... Pois é, a primeira coisa a morrer é eu

mesmo. Amanhã você vai ver se nós vamos fazer ou não vão”, “Pois é, você pode vir na frente, quem vai morrer primeiro é ocê!”, “Depois nós vão vim!”. Ai a chuva tava, parou a chuva grossa, e estava chovendo mais fininho, ai falei na língua pra muié: “vamos embora, o negócio aqui não tá ficando bom, não”, ai nos saímos, viemos embora. Cheguei aqui, fui direto lá na casa do chefe, era Lourival que era o chefe. Falei: “Lori, toma providencia ai que amanhã nós vamos lá fazer o tumulo lá de Osmir, que levei ameaça de morte, e vou morrer, porque nós vamos! Que sou um cacique, sou a liderança, eu vou mostrar para ele que eu tenho coragem também. Se eu sou o cacique, eu tenho coragem, é pra nós ir amanhã”, “Eu vou tentar”, falou “deve ter alguém de plantão lá na FUNAI”, falei: “cê atenta, que vou embora que nem comer, não comi ainda, não.” Dei o recado ele lá e vim embora. Ai, como é seu nome?

MARCO TÚLIO: Marco Túlio.

JOSE FERREIRA: Marco, mas não é Marco Túlio do...

MARCO TÚLIO: Não é, não.

JOSE FERREIRA: Tem Marco Túlio, professor nosso, era meu, né, que não sou mais professor indígena, deu problema na minha vista, meu filho que é agora. Ai eu consegui falar no rádio, ai a FUNAI ficou sabendo, e ao mesmo tempo eu não sei como que o SIME ficou sabendo também, você conheceu o SIME, ouviu falar no SIME?

MARCO TÚLIO: É, eu conheço, tem a Geralda, né?

JOSE FERREIRA: É, Geralda... Ângela.

MARCO TÚLIO: Ângela.

JOSE FERREIRA: Ângela. Ângela morava no Maxakali. Eu não sei como que esse pessoal ficou sabendo. Quando foi a noitezinha, 19h00min, chegou o carro ai, ai desceu. Falei: “Mas quem falou pra esse pessoal?” Ai desceu: Zezinho, como que tá?”, “Vamos entrar ai” entro pra dentro de casa grande. Não era essa casa, não, essa aqui, era outra, mas era de tijolo também, mas era baixinha, madeira fraca, estava apodrecendo, ai eu reformei ela, mas era outra. Ai entraram, falei: “senta ai, o banco é pequeno”, “não, nós senta no chão, no cimento”, sentou lá. “Zezinho, como é que foi o negócio?” E eu tô contando, contei pra ele do jeito que te contei. Assim, assim e assim, “amanhã nós vamos fazer o tumulo lá de cimento. Ai eu quero ver se eu vou morrer, né”. Não, nós vamos, nós vamos.” E nós ficamos conversando. Quando, de madrugada, o dia estava clareando, falei pra muié: “Levanta ai”, eu criava um monte de galinha, tinha muito ovo, falei pra mulher: “Levanta ai, faz farofa, faz café, pra nós comer aqui. Disse que eu vou morrer, eu vou morrer de barriga cheia”. Ai eu falei pra Ângela, a Ângela falou assim: “Morre nada, tá falando pra você ficar com medo”. Eu

falei: “É, eu tenho muito medo mesmo”. Ai amanheceu, nós preparou, eu já tinha falado pra Lourival, Miguel, funcionário da FUNAI. “Junta areia, pega areia. Amanhã coloca no Toyota a areia, a madeira, as ferramentas tudinho, que eu vou esperar ocês lá na encruzilhada lá. Vocês desce, eu vou descer.” Ai eu vi o carro, desceu, eles pararam lá, eu desci, e ai a Ângela falou assim: “Zezinho, eu vou na frente”, eu falei: “eu vou na frente”, ela falou: “você vai na frente mais os funcionários da FUNAI e vou nas aldeia avisar os índios e nós vamos descer. Nós vamos descer de pé.” Ai nós desceu com os funcionário da FUNAI, eu, Capitão Ju, Geraldão, meu sobrinho, casado com minha sobrinha... Ai enquanto Miguelão estava... Eu estava... Fazendo não, Aurélio, enfermeiro, fazendo a massa, e Miguelão limpando lá o lugar pra fazer o cimento, ai eu falei pra Geraldão, que era casado com minha sobrinha, falei assim: “fica lá assim, e você fica olhando, se vir alguém lá você assubia”. Ai nós estamos insistindo ali, e tal, ele assobiou. Quando eu olhei, vem descendo um dos filhos de Valmir, aquele mesmo que tinha falado comigo. Ai lá vem ele, e eu estava só com a faca na cintura e Lourival, o chefe substituto, ele tava com o revolver da FUNAI na cintura, ainda falei assim: “Oh, Lori, se ocê correr, você joga esse revolver pra mim e corre puro, que cê deixa pra mim”. Ai é sério, parece até brincadeira, ai o cara chegou... Valter, é? Valter... Ai chegou e falou assim: “É, mas ocês vai fazer mesmo, né?” Eu falei: “E nós estamos fazendo!” Oh, mano, mas as minhas vistas escureceram na hora, eu tirei a faca e fui em cima dele, ai o Aurélio pegou a minha mão assim, oh, eu tinha feito besteira. Ai eu lembro que “para”, eu parei então, ai agora veio mais e são muito, veio mais irmão, enquanto isso os índios estavam descendo ali no morro mais Ande, e os outros que vem mais ele, aquela turma, ai chegou lá, eles estavam lá, e a Ângela, Geraldo, conversando, tirar retrato deles, e saia fora, avançar nela, xingando ela “É, rapariguinha, sua puta”, e ela nem ai. Eu falei pro Zezé: “cada um pega uma lasca ai, põe no chão, fica em cima dela, pisada ai, qualquer coisa pega esse pau, mete o pau também”. Enquanto isso, Miguelão mais Aurélio estava terminando o cimento lá, enquanto eles estava insistindo em nós, o trabalho tá lá, quando terminou: “tá pronto!” Ai a Ângela mais Geraldo falou assim: “o que que nós vamos colocar de desenho aqui no cimento?” Ai um tava com uma lança: “ah, essa lança aqui fica bom”, ai colocou a lança lá. Eu não sei, que eu não passei a mais não na sepultura dele.

MARCO TÚLIO: Será que está lá ainda?

JOSE FERREIRA: Eu acho que tá, né.

MARCO TÚLIO: Uhum.

JOSE FERREIRA: Não passei lá mais, não.

MARCO TÚLIO: Nós ficamos sabendo também, desse caso do Osmino, do... Tem um Antônio Raimundo que morreu também, será?

JOSE FERREIRA: Ah, sim! Lá no Pradim?

MARCO TÚLIO: Aham.

JOSE FERREIRA: Foi, foi. Ele morreu na fazenda de Antônio Fabrício.

MARCO TÚLIO: Uhum.

JOSE FERREIRA: E o que matou ele foi Carolino, o nome do homem, não sei ele é vivo ainda. Ela vem de Batinga...

MARCO TÚLIO: Véio Carolino tá morto.

JOSE FERREIRA: Já morreu? Já estava veio então. Vinha de Batinga, e o índio tava tomado, ele mesmo conto pra meu pai, ele mesmo justificou o que ele fez. Meu pai era cacique, foi em cima dele, ele contou, assim: “Não, Adolfo, eu matei ele porque eu vi que eu ia morrer”, que ele vinha de Batinga, e ele veio também, veio pareado, ele ia agredir com a faca, ele estava com essa garrucha, garrucha de dois cano, ai atirou no peito dele, matou. Lá na fazenda de Antônio Fabrício.

MARCO TÚLIO: Aham.

JOSE FERREIRA: Pra lá tem esse Raimundo tem... Como que chama, gente? Que morreu, matado também queimado? Oh, minha Nossa Senhora... Ai mataram ele, levaram lá em cima do morro lá de trás, queimou ele lá em cima do morro, ai o funcionário do SPI procurou, procurou, até achou as cinza dele.

MARCO TÚLIO: Isso era na época do SPI ainda?

JOSE FERREIRA: Era.

MARCO TÚLIO: Não era Antônio Cascorado, não, né?

JOSE FERREIRA: É.

MARCO TÚLIO: É esse? Ah ta.

JOSE FERREIRA: Isso mesmo.

MARCO TÚLIO: E ai quem que matou ele, o senhor sabe?

JOSE FERREIRA: Foi o agregado de Lerindo, Lerindo Caguçú.

MARCO TÚLIO: Uhum.

JOSE FERREIRA: Foi o agregado de Lerindo Caguçú. Inclusive nessa época veio polícia de Teófilo Otoni, reuniu todos os fazendeiros de lá aqui pra saber quem foi, não sei ficou sabendo. Foi esse que morreu também.

MARCO TÚLIO: Tem mais algum caso que o senhor lembra?

JOSE FERREIRA: Desse, assim, de morte, acho que só esses mesmo.

MARCO TÚLIO: Uhum. Então deixa eu perguntar uma coisa pro senhor. Hoje o senhor acha que falta o que para os Maxakali aqui?

JOSE FERREIRA: Em...

MARCO TÚLIO: Em relação a tudo, assim.

JOSE FERREIRA: Tudo, tudo?

MARCO TÚLIO: É.

JOSE FERREIRA: Na verdade, tá faltando muita coisa, né, porque antes tinha muita fartura, né.

MARCO TÚLIO: Uhum.

JOSE FERREIRA: Tinha muito banana, muita cana, muita mandioca, muita batata, arroz plantado no brejo, feijão, plantava feijão, plantava arroz, milho, verdura, moranga, abobora, essas coisas assim. Ai não precisava quase comprar, tinha caça também, né.

MARCO TÚLIO: Uhum.

JOSE FERREIRA: Agora não tem mais nada, mais nada. Tudo comprado agora. Agora, pra isso ai tinha... Incentivar mais na agricultura, né, porque tinha criação hoje do gado do projeto, se a gente não podia plantar, porque o gado... E quando não tinha criação, plantava ai mesmo. Mas quando teve gado não plantou mais, não, tinha que cercar. E também, se fizesse como já teve, uma cantina, né, pra manter os índios, trabalhar, igual já teve, né, a gente trabalhava, comprava e não faltava. Tinha na roça dele e tinha pra comprar o que ele queria comer, né, arroz, macarrão, açúcar, café, tudo tinha. Agora... E tava vindo a cesta básica também, todo mês. Não tá vindo mais, porque não é todo mundo que tem, assim, esse governo que tá lá em cima atrapalhou tudo. Os índio tinha cartão, né, esse cartão cidadão. Não tá valendo mais, que não está recebendo mais. Isso estava socorrendo ainda um bocado ai, quem tinha, tá indo lá, não tá respondendo, não. Não tá saindo nada.

MARCO TÚLIO: É isso então?

JOSE FERREIRA: Hum?

MARCO TÚLIO: É isso então?

JOSE FERREIRA: É, pelo que cê fala.

MARCO TÚLIO: Então tá certo, então, Senhor José, ajudou muito, viu. Muito obrigado, ai eu....